

senho ou fotografia e, unicamente pelo pensamento, transferir uma reprodução clara numa placa fotográfica **lacrada**, sem a ajuda de luz ou de lente. ⁽¹¹⁾

Desde então, outros não somente repetiram as experiências do Professor Fukurai mas também produziram umas variações interessantes deste fenômeno. Este repórter examinou algumas dessas experiências, mas levaria muito tempo descrevê-las aqui.

Há poucos anos atrás, Dr. Jules Eisenbud, M.D. encontrou um homem com a capacidade de transferir imagens mentais a um filme e, com perseverança cuidadosa, conduziu um exame científico metucioso, descrito no seu muito discutido livro, "O Mundo de Ted Serios" ⁽¹²⁾

Ninguém parece saber com certeza **como** um pensamento pode produzir uma mudança nas moléculas de brometo de prata de uma emulsão fotográfica. Mas a descoberta de Dr. Ravitz, de que o pensamento pode influenciar o campo eletromagnético do corpo, pode, pelo menos, sugerir uma explicação parcial. Porque se o pensamento pode influenciar um tipo de campo eletromagnético, sem dúvida pode afetar outros tipos. Parece, então, razoável supor que o campo T imposto num filme fotográfico modifica **os campos** das moléculas de brometo de prata de tal maneira que uma imagem possa ser formada.

Este fenômeno, claro, confirma nossa conclusão de que o pensamento age como um campo, porque somente um campo pode produzir efeitos através de espaço, entre "quem concentra" e o filme, e também penetra o revestimento em que o filme foi selado, e ao mesmo tempo conservando uma forma definida. Isto é também interessante porque mostra que os campos T podem assumir um desenho de dimensões físicas definidas. Podemos então produzir sua duplicata dentro das dimensões do filme.

Se um "microponto mental" pode, também, imprimir uma imagem ampliada nos campos das moléculas de brometo de prata, torna-se fácil compreender que possa

afetar os campos de outros tipos de moléculas, numa jóia ou no material de um prédio. E embora a "imagem" resultante não possa ser revelada quimicamente, pode ser "vista" pelas pessoas dotadas de suficiente sensibilidade.

Isto nos oferece outra possibilidade quanto à natureza do pensamento; em outras circunstâncias, pelo menos, o pensamento pode produzir o que os químicos chamam de "reação reversível". O pensamento de uma pessoa é suscetível de atuação na matéria, podendo reproduzir o pensamento original na mente de uma outra pessoa, quer diretamente, quer por meio de uma imagem num filme.

Em outras palavras, o pensamento pode "carregar" a matéria pela modificação de seus campos, da mesma maneira como a eletricidade pode carregar uma bateria de um automóvel, pela modificação da sua química. Como as reações químicas reversíveis da bateria devolvem parte da eletricidade quando ligamos a ignição, da mesma maneira as reações reversíveis de campos de pensamentos — pode-se assim dizer — podem influenciar a matéria para produzir o pensamento que os "carregou". Mas há uma diferença importante: a matéria **nunca parece** perder sua carga por mais que as pessoas a percebam. Uma jóia antiga poderia ser usada por muitas criaturas — centenas delas poderiam ter vivido ou visitado um prédio antigo — mas os campos T imprimidos **parecem** reter uma "carga" suficiente para ser "vista" por uma pessoa sensível. Mas 'no conhecimento do autor' isto nunca foi provado, nem tampouco negado.

Tudo isso sugere a maneira como os campos T de nossos pensamentos ou memórias fundaram-se de si mesmos como "ancoradouros" das células do cérebro. Apesar dos átomos das moléculas que o compõem permanecerem num estado constante de fluxo e mudança, cada célula deve ter seu campo L pequeno e permanente para controlar esta desintegração e integração. Como o Dr. Ravitz mostrou que o pensamento pode, de forma mensurável, afetar o campo L geral do corpo, é lógico supor que pode também influenciar os subcampos das células. É um desses pequenos campos L, então, que o campo T tem